

5 DE JUNHO DE 1954

AVENÇA



Gaiato



Visado pelo
Comissário de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 268 • PREÇO 1\$00

PATRIMÓNIO DOS POBRES

A beleza do artigo de hoje, é o Núncio de Sua Santidade, que quis ver com seus próprios olhos uma casa; e viu. Foi no Tojal. Ao deparar com a legenda *Património dos Pobres*, não sei que lhe deu! As perguntas sucedem-se. O espanto c. esce, à maneira que



O Excelentíssimo Senhor D. Fernando Cento, um diplomata da Santa Sé, neste lugar é o simples padre Fernando.

explicamos. Quere saber *como* brotou a ideia. Quem ajuda. Se o Estado também. Vale a pena vir de longe para ver, disse.

Mais do que espanto, consolação interior. Tem assunto para Sua Santidade. Pode escrever. Se vale a pena vir de longe, também vale comunicar para longe, a quem se interessa. O Papa é a voz da habitação para os pobres. Tem-na feito chegar aos ouvidos de povos falantes, que muitas são as línguas com que pode expressar-se; — um quase pentecostes!

A esposa do senhor General Craveiro Lopes, ora por África, também quis e foi ver uma em outro sítio, nas proximidades do Tojal. Sua Eminência, o Cardeal Patriarca, não foi naquele dia, porque tem estado noutros e sabe como elas são. A ocasião destas visitas importantes, foi a Missa Nova do Padre Carlos. A *Obra da Rua* começa agora. Vai Deus enviando os seus aos seus. Eu ouvi. Sou testemunha. Foi

assim: à comunhão apresentaram-se os fieis. Os pais estavam. Parentes e amigos. *Primeiro os gaiatos*, diz o celebrante com voz firme! Vai Deus escolhendo e enviando.



O Núncio Apostólico feriu-se no dizer Património dos Pobres. Que olhar! Que terta ele visto?

Com a sentença *magistral* de que uma casa não resolve o problema da habitação, há quem julgue ter encontrado a chave da grave crise que atravessamos. E pronto! — Porque se não pode fazer tudo, não se há-de fazer nada...

Solução cómoda esta, que não obriga a pôr um pé diante do outro nem a desatar os braços nem a queimar as pestanas. As costas resolvem no, bem estendidas num cómodo sofá, enquanto se queima um cigarro. Basta que se tenha uma boa casa, a dita poltrona, a carteira cheia e o estômago composto. Eu também assim pensaria se não tivesse fé e não conhecesse a triste situação dos irmãos encurralados. Mas quem calcuaria as azinhagas da miséria e ouve constantemente os lamentos dos que sofrem, poderá não saber apontar os remédios para tão grandes males, mas já-mais se conformará com a levianidade duma sentença tão deshumana como egoísta.

Quem é que vai deixar de aplicar um remédio a um doente só porque este remédio não cura a epidemia geral que tende a alastrar? Quem vai deixar que o quartirão se reduza a cinzas, só porque um balde de água não apaga as chamas todas duma vez? Deixaríamos de salvar um naufrago só porque não havia possibilidade de recolher todos os

passageiros do barco afundado?

Retardar é agravar. Adormecer é deixar-se esmagar pela avalanche. Fechar os ouvidos é atitude simiesca de quem se deixa afogar.

Já muito aqui temos dito sobre as normas a seguir. Agora vamos aos factos dolorosos da nossa via dolorosa.

Dissemos no «Barredo» que a Cascalheira fora em tempos arrazada. Não ficou lata sobre lata. Dos quinhentos habitantes que por ali havia, restavam, há pouco, umas seis famílias que se refugiaram numa furna defumada, que era, noutros tempos, o lastro dum forno de cal. Dali saiu aquela pobre mulher da Pampilhosa, aqui falada, saiu também o caixão dum parálítico pai de quatro filhos, saíram uns cinco rapazes que trouxemos para casa, velhitos que foram para a Mitra e para as Irmãzinhas dos Pobres etc. Resta meia dúzia de párias. A miséria nunca é tão miserável como quando deixa de ser humana para ser animal. A destes chegou àquele grau de epicurismo que já não reage perante coisa nenhuma. Nem a chuva, ou frio, sol ou neve, fome ou nudez os demove a procurar solução para o seu caso.

Emparedada agora a furna, nem assim os pobres arredaram. Uma velhita espetou quatro paus no chão, a meio metro do solo, estendeu um trapo por cima e é ali que se aninha com dois netos. Trouxe o mais pequenito para aqui. No caminho achou-se doente. Está aqui há dois dias doente. São vômitos constantes. Por isto se pode avaliar qual seria a alimentação dele, colhida nos caixotes do lixo.

Não tarda a extinguir-se por completo aquele fogo da Cascalheira e já somos chamados para acudir ao da Curraleira. Era há dias a campanha do telefone a retinir e de lá a voz aflita duma Irmãzinha de Jesus, num misto de francês e português: *padre, estão a deitar barracas abaixo, está a chover, é tarde, para onde vão de ir estes pobres?*

Em vez de repetir a minha resposta vou contar um episódio,

(Continua na 3.ª página)

Ninguém falte à nossa festa no COLISEU DO PORTO em 17 DE JUNHO. Os bilhetes vendem-se no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e nas bilheteiras do Coliseu.

ATENÇÃO — Prevenimos os leitores que a data prevista foi antecipada de 1 de Julho para 17 DE JUNHO. (Ler notícia na 3.ª página)

UMA CARTA

«Tive há dias o prazer de ler o vosso jornal «O Gaiato», de que não sou assinante, por ser pobre e não ter dinheiro para pagar assinatura, porque sou um pobre trabalhador rural não ganhando o suficiente para me sustentar e à minha família. Mas sensibilizou-me tanto a leitura e a doutrina que nele se prega que não posso deixar passar mais tempo sem lhe comunicar a minha grande alegria por os pobres terem a seu lado um embaixador. Eu não sou dos mais cren-tes mas depois que li «O Gaiato» qualquer coisa se tem passado dentro de mim.

Como no Gaiato vi em distribuição o Ovo do Colombo, fiz o grande sacrifício de retirar 20\$00 que lhe envio para me mandar um livro, porque gosto de saborear essa leitura, e apreciar a matéria nele contida.

Peço-lhe Sr. Padre Américo que continue sempre defendendo os pobres porque Deus lhe dará a recompensa».

É de Proença-a-Nova. Eu só quero que todos olhem e meditem naquele seu *qualquer coisa se tem passado dentro de mim*. A definição não é adequada; coisa não diz coisa nenhuma. Mas a verdade é que se não vai além. A Fé não dá a palavra. É dentro. É um acordar silencioso. São as potências espirituais. É a alma. É o homem total. Ele quer dizer e não sabe. Nós queremos dizer e não sabemos. Somos gogos. Nos tempos da *Graça Primitiva*, era de braço dado. Nós sabemos pela Escritura, da familiaridade de Deus, Criador do Céu e da Terra, com o homem que lhe safu das mãos. Era assim. Hoje, não. *Qualquer coisa se tem passado dentro de mim*. E contudo, é o mesmo Deus a falar. Adorem.



Os padres da rua vão por aí fora sem oiro nem prata abrindo portas aos Pobres, costas voltadas ao Mundo.

DOUTRINA

Aqui há tempos, indo por aí abaixo, vem ter comigo um rapaz muito alto, muito magro que trazia queixa de peito. Casara-se há meses. Veio-lhe o mal. Ele quer viver e vem procurar-me, como se eu tivesse a vida! Tinha a mulher ali ao pé, já tocada, ao que me pareceu. Eu oiço a história. História semelhante à de muitos mais. A deste, só tinha a vantagem de ser contada ao ar livre com árvores e campos e flores por testemunhas; mas o mal era do peito. O doente ficou de me enviar os documentos o mais depressa possível e não levou muito que os não tivesse na minha mão. Eram os do estilo. Os meses correm e o mal também. A mulher deste jovem operário tira a comida da sua boca, realiza impossíveis, fala e pede a toda a gente, tudo com esperanças. O marido ia ser chamado. Ela quer que ele se salve. A resposta tarda. O mal adianta-se. A mulher vai caindo enquanto tenta erguer seu marido. Veio a chamada alfin. Era tarde. O doente tinha morrido e a heróica está à porta...!

Sabemos que esta sorte de documentos são carimbados à chegada e colocados em seu sítio, aonde esperam vez. Não há força que os atrase. Não há força que os adian-

te. Tudo se passa como se fora um acto de justiça e não. É uma sentença. Sentença de morte. Morte de inocentes. O caso de que ora me ocupo foi assim. Sou testemunha de outros. Tantos, que já não tenho coragem de convidar doentes a procurar os atestados. Por mim não o faço. Não os mando. Doi-me que os chamem depois de mortos. Conclusão nua e crua: não existem camas suficientes para tuberculosos pobres. Digo *pobres* para sublinhar a tinta encarnada mais esta desgraça do século; distinguir aonde Deus o não faz. Se é um pobre fica à porta, se rico, entra! Nunca o dinheiro se mostra tão infúco como aqui. Os anti-bióticos, um bem da criação, posto pelo Criador para as suas criaturas; os anti-bióticos, digo, também estão fora de mão. O que para afortunados é fonte de salvação, não a provei a *a esta gente*. Mais vida a fugir. Mais motivos para inundar de tristeza *esta classe*. Da mão de muitos pobres, quer nos caminhos, quer em suas tocas e até mesmo à saída de hospitais; em muitas mãos, sim, nós vemos a caixinha de pastilhas que lhe deram

de graça e a receita do anti-biótico para o pobre procurar: *vá comprar*. Aonde? Com quê? Eu oiço. Eu vou até onde é possível. Nós recebemos muitas esmolas sem rótulo e delas distribuimos em casos desta natureza. Não nos damos por cansados, nem tão pouco por arrependido.

Cala palavra de lábios febris. Outras que nos escrevem. Muitas que facilmente adivinhámos na boca de quem não sabe como, nem a quem fazer suas queixas. Cada palavra, cada suspiro, cada momento; tudo são actos de aproximação. Vem lá a hora. Não temos oiro nem prata, por isso estamos aptos a realizar os milagres dos primeiros apóstolos. Vamos ajudar os que de nós precisam. Quero-me referir à futura obra do Incurável.

Nunca é demais o zelo da assistência particular, sob qualquer modalidade que seja; *nem é necessário que o fazer bem seja bem feito*, como explicou há dias num discurso o senhor Minis ro do Interior. Não é. Vamos fazer o que pudermos até onde soubermos. O que é preciso é trabalhar. Todos somos poucos para prestar auxílio à Nação, no muito que Ela tem feito e no muito mais que deseja realizar. Não se promete quando; não se diz aonde; mas a ideia está.

O PASSARINHO

Passarinho, é o António Emídio das Caldas. Era muito pequenino quando aqui veio ter. Muito tímido, fugia de tudo. Começou por uma obrigação na casa-mãe, aonde todos se estreiam.

Os deles, hoje criados e arrumados, não é sem comoção que falam da serventia que ali deram, no tempo de pequeninos. É ouvi-los! Não admira. O fogão. O calor. A sineta a chamar por tantos companheiros. O inolvidável. O alegre. O quente. Alguns, segundo confessam, experimentam aqui *comida de lume* pela primeira vez em sua vida! Como não hão-de eles amar a obrigação na casa-mãe, aonde a vida palpita e crepita, — como!

O *Passarinho* foi daqui. Depois foi do campo, da limpeza das casas, da lenha e ora é dos terreiros. É muito igual. Muito seguro. Não discute nem tira os olhos da sua obrigação. Tudo faz bem feito o *Passarinho*, mas aonde ele se excede, é no serviço prestado à nossa Incurável, — a senhora Teresa. Há cinco anos que os médicos deram o caso por arrumado e Deus tomou conta...! Nos primeiros tempos, dava-se algum dinheiro a seu marido para ele prover às necessidades. A doente cansa-se e foi uma vizinha que chamou a si a incumbência. A doente torna a cansar-se e hoje é o *Passarinho*.

Nós já trouxemos aqui este caso, que vai tomando formas e vulto de epopeia e hoje tornamos, para boa leitura.

Sem prejuízo da escola e cura da sua obrigação, aí vem o António Emídio a horas, pontual como relógio da melhor marca.

Ontem estive em casa da doente. São horas amenas. Ela esquece-se de si mesma para me contar. A certeza de que o pequenino enfermeiro vem, ajuda-a. O que ele lhe traz é enviado. Enviado do Céu. A doente assim o estima. Ele toma a loiça da casa, que o marido tem ali pronta e procede. Reparte. Serve e afoita a sua doente. A senhora Teresa aqui chora. *Ele não é do meu sangue e trata-me com tanto amor*, exclama. Referindo-se à maneira como ele ajeita e arruma e se despede, acrescenta: *é como um passarinho*.

Ela não sabe que é este o nome que em família lhe damos, mas acerta.

Nunca veio a um tribunal. Jamais alguém houve de lhe pedir contas. Os chefes, as senhoras, os professores, ninguém. *Passarinho* está sempre no seu lugar. Mas se um dia fosse preciso, antes de o castigar tínhamos a canonização: *trata-me com tanto amor*. É assim que Deus nos olha. Cristo não nos basta por testemunha de defesa. Temos necessidade de outras testemunhas. É preciso que no Tribunal de Contas apareça junto de nós quem saiba e diga: *tratou-me com tanto amor*. Porquanto, de todas as virtudes só esta fica e permanece: *Caridade*.

Na hora em que o mundo anda cheio e enfadado das chamadas coisas grandes, olhemos para estas pequeninas oferecidas pelo *Passarinho*. O adorável abandonado. As vezes vem-me pedir um chapéu de palha *para ir à senhora Teresa*. Outras, umas sapatilhas para-ídêntico fim. E ainda outras, ao ver-me de partida ao pé do Morris, *Passarinho* vem e pede me uma bola. Como não, se *ele me trata com tanto amor*!!

NÓS NO COLISEU

ATENÇÃO

Muita atenção. É o Coliseu. A nossa festa no Coliseu. Em lugar de Julho, como foi anunciado, é já o dia 17 deste mês.

Sejaquim meteu mais gasolina. Os oradores recitam em voz alta por todos os cantos e quelhos. O Speaker, não larga o telefone e vai ao Porto a miude dar retoques nos toques. O programa está sendo cuidadosamente elaborado. Os senhores deixem ficar tudo e venham, se têm gosto de ver coisas tortas no seu lugar.

AQUI, LISBOA!

Continuação da primeira página

passado há meses, na pitoresca vila da Lousã.

Certa noite os bombeiros foram chamados a acudir a qualquer sinistro. Um deles carregou no botão de alarme mas a sireia não funcionou. Foi a ver-se e era um passarinho que ali se tinha refugiado para passar a noite entalado na engrenagem. Para comemorar a morte da avezinha, resolveu a Corporação tocar a sirene, todos os dias, a determinada hora. Feliz passarinho!

Estamos aqui também a carregar no botão. Parece-nos ouvir já o tropel de gente nova. Sim deve vir dos novos a salvação. Eis uma resposta:

«É com a maior satisfação que nós, os alunos do 1.º ano, das turmas C e G do 2.º, e de todo o 3.º ano do Liceu Camões, vimos anunciar-lhe que possuímos já os quinze mil escudos necessários para mais uma casa para o Património dos Pobres, casa essa que será um novo apoio à obra. Mas nós, os alunos do Liceu Camões, queremos que haja mais casas para esses nossos irmãos pobres e por isso alguns de nós acompanhados do nosso querido Professor Dr. Ernesto Coelho, contamos ir aí mesmo, ao Tojal, entregar o dinheiro que começamos a juntar há cerca de 6 meses. Também desejávamos que se colocasse na casa a erigir, uma pequena placa com o nome do nosso Liceu. Será possível?»

Carlos Augusto Hasse Cacela Fernandes.

É sim, meu Rapaz! Só temos pena de não a podermos construir na Curraleira. A propósito: comunicamos aos Funcionários da Hidráulica, que se encontra concluída e vai ser entregue no próximo domingo, a casa que nos enviaram. Venham mais bombeiros!

Padre Adriano

«O OVO DE COLOMBO»

Pedidos à Editora

Tipografia da

CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Duma assinante de Vendas Novas 10\$00. Agora uma carta: *Junto encontrarei 70\$00 para a vossa Conferência, que iam ter uma má aplicação mas que Deus quis, ao ler «O Gaiato», desviar para outro fim. Ao Pobre a quem os derdes pedi-lhe um P. N. e uma A. M. por «Um Pecador» — M. C. É de Coimbra. Estas cartas fazem-nos bem, pela sinceridade que encerram e pelo valor espiritual da Renúncia.* Mary Arnsby, 100\$00. Lisboa. *para a Conferência de S. Vicente de Paulo da Aldeia, com letra muito do nosso conhecimento e 20\$00. E da assinante 563, 40\$00. Uma Bracarense ausente da sua terra, 100\$00. Assinante 17.022, de Leiria, 20\$00. Do Sub-chefe do 1.º Bairro Fiscal do Porto, 40\$00. Dos Caras Direitas de S. Mame de d'Infesta, 20\$00. Venham mais Caras direitas e de todos os feitos: para ajudar os pobres todos somos precisos. Assinante 26827 de Gondomar, 10\$00. E 100\$00, do assinante 4.126. Duma Viúva de Lourenço Marques, 10\$00 retirados do seu pouco. M. C. B. Quintela, da Covilhã, 100\$00. E por fim, mais uma migalha, como o costume. Agora é para a Conferência de S. Vicente de Paulo que parece estar bem precisada — 20\$00. Quando quiser, não se esqueça dos nossos pobres. Eles são muitos e bem necessitados. Que Deus pague a todos o amor que nutrem pela nossa Conferência. Obrigados.*

Júlio Mendes

ESCLARECIMENTO

Novidades de 24 de Maio, em epígrafe *Visita às obras em curso na cidade*, informa que Presidente da Câmara do Porto e Vereadores estiveram no bairro de casas de renda económica que vão ser distribuídas segundo o plano Património dos Pobres. Ora nós temos de acudir à renda. O inédito da obra é precisamente entregar sem renda. Os encargos, ficam todos e sempre à conta da Comissão que escolhe o Pobre «não podendo a comissão cobrar a título de renda qualquer importância dos ocupantes» — (artigo 6 dos Estatutos).

Sendo *Novidade* o jornal católico e a obra do Património da Igreja, poderia aquela informação induzir a erros; daí o esclarecimento.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA No dia 12 de Maio, pelas 19 horas, faleceu a senhora Amélia, que durante muito tempo esteve internada no nosso hospital. Foi com a doença do cancro que é como todos sabem, incurável. Se os grandes sábios em vez de inventarem bombas e fabricarem material de guerra procurassem na natureza, que tem todas as coisas necessárias à humanidade, remédios para estas doenças incuráveis, trabalhariam para o bem comum. Durante a noite grupos dos maiores velaram o cadáver da cancerosa, que tão resignadamente sofreu por amor do nosso Renumerador, as horríveis dores que o cancro lhe provocava. Deus sempre dá pousada às almas generosas.

— A nossa aldeia está inundada de ninhos. Ainda não houve queixa que alguém tivesse tirado algum, mas não levará muito tempo que isso aconteça. O Melo o Manel do Embrulho, o Caraga e outros costumam ser sempre os primeiros nestas coisas. Vamos a ver se eles se lembram da cana que está no refeitório de propósito para fazer «milagres»...

— Em 17 de Junho lá vai a «malta» em peso ao Coliseu. O *Sejaquim* ensaia cantigas novas e alguns dos mais «armantes» pedem ao Pai Américo para irem fazer discursos. Não vai a Loja do Mestre André, mas em sua substituição vai a Capoeira, que bastante brilhou nos espectáculos organizados pelo «grupo cénico». Ouvi dizer que as representações do Tojal e Miranda querem fazer melhor figura do que nós. Isso é o que nós queremos, pois desta rivalidade vimos todos a ganhar, porque os senhores fazem-se «bravos» e toca a marcar às dúzias de bilhetes.

— Aqui em casa costumamos ajudar às obrigações dos outros depois de cumprirmos a nossa. O que se segue é que o Papagaio da tipografia, foi ajudar os rapazes da cozinha a fazer a sua limpeza. Até aqui está tudo muito certo, mas o pior é que o Papagaio tirou um prato de arroz com carne, embrulhou-o num papel e foi comer prá cama... Quem seria que teria ficado sem ele!...

— Esta quinzena recebi jornais dos seguintes amigos: Dr. António Napoleão Vieira e Sousa, de Angola, que me enviou jornais daquela nossa Província Ultramarina. Este nosso amigo também me enviou uma carta de catorze folhas e ilustradas com gravuras da sua viagem pelo norte de Angola. É uma carta muito linda e como nunca vi. Daqui lhe retribuo as amáveis palavras que teve para

Campanha de Assinaturas

Aonde a graça? Qual o sabor? Nós não saímos fora do vocabulário e até, dele, escolhemos as palavras que o povo diz. Não apresentamos assuntos novos. Lembra-mos aos esquecidos as coisas velhas, e daqui nasce o apetite. Não é por mais nada que, mesmo sem listas, os novos assinantes acodem. Deu certo o que duma vez aqui se disse; chegaríamos aos trinta mil, e uma vez lá, não teríamos mais necessidade de subir as caleiras dos Ministérios. Tivéssemos nós o saber mai-la coragem de estar quietinhos e tudo era hoje consumado; quatrocentos rapazes vestidos e alimentados pelos assinantes do jornal. Mas não. Não chega. Amanhã nos cinquenta mil, não chega. Se formos para o dobro, ainda não chega. Porquê? Porque somos uma obra abastecedora. Quanto mais, mais. Ouvi há dias falar numa grande calamidade nacional: trinta milhões de contos de ratos. A Estagnação! Ora nós não. Nós somos contra este conceito. Se nos dão mil, damos mil. Tirar pão das terras. Erguer casas de habitação. Aturar centenas de abandonados. Dar à vida um sentido cristão. Colocar Cristo na Cruz. Afirmar a Vida Eterna. Se nos dão mil, damos mil. Nós ajudamos a Nação; ocupando diariamente centenas de operários somos manancial indirecto de receitas do Estado. Nós somos incitamento; muitos, ao verem o que se tem feito, também querem fazer. Nós levamos a erguer hoje as mãos ao Pai Celeste, milhares de homens e de famílias que nem sequer O conheciam antes. E tudo isto só porque distribuimos. Mais assinantes. Mais luz que venha da Luz.

comigo e desejo-lhe enormes felicidades, assim como a seu filho e dedicada esposa. Do senhor Carlos Gomes, de S. Pedro de Sintra. Albino Borges Loureiro, de Coimbra. Alberto Eria Martins, de Lisboa. E não podia falhar a senhora do costume, de Coimbra.

— Com respeito a selos: Um anónimo de Lisboa. Das senhoras, Júlia e Babel Martins, de Cardigos. João Oliveira e Silva, de Lisboa, que me pergunta se me interessam «Seleções do Reader's Digest» de há 7 anos e mais e também o jornal da Marinha Mercante. Sim, amigo, tudo isso me interessa. Pode enviar, que tudo lhe agradeço o

Daniel Borges da Silva

Um agradecimento

Cem por um e o Reino dos Céus é a paga que o Senhor promete a quem O seguir. O Reino dos Céus é para além da morte mas o cento por um é dado aqui, sobre a Terra.

Eu comecei a receber. E tanto, que me envergonho de ser julgado generoso, porquanto não há proporção entre o que dei e o que Ele me dá.

A olhos de carne pode não parecer assim... Mas quando se vê, além das aparências, a gente conhece com certeza os valores que permanecem.

Eu era um rapaz como tantos... Tinha um curso, como tantos... Ninguém me sabia nem queria saber de mim. Depois, Jesus chamou-me. Eu neguei-me ao mundo. E Jesus deu-me no mundo, e do mundo, compensações que eu nunca pudera esperar.

O que Ele me não tem guardado se Lhe for fiel até ao último dia!

Eu devo um obrigado a muitos. A tantos, que deixo a Deus o encargo de lhes agradecer: Amigos velhos que há muito não via e supunha esquecidos de mim; Amigos recentes, de dedicação tão intensa, que o afecto em verdade é maduro; Amigos de longe, presentes por sobre a distância; assistência ao Altar—ao mesmo Altar de Cristo, embora outra pedra— em outras latitudes, mas aquela hora em que eu Lhe subia pela primeira vez; Pobres, de antigo conhecimento; gente sem Fé que passou a Missa a chorar (Gente que não deu fé de ter Fé... mas que tem, senão não chorava!); um Pai que me convida a suplicar com ele a vocação do filho a Padre da Rua, se o Senhor o quiser; pessoas que eu nem sequer conheço, marcando presença de onde quer que estavam; os meus rapazes, de todas as casas... Mas estes são um capítulo à parte. Para eles a minha vida toda.

Bendito seja Deus que criou a distância e permite a separação e fez a diversidade dos caminhos e das vistas dos homens e lhes deu um espírito capaz de os unificar em participação da mesma vida que é fundamento da verdadeira amizade. A Ele todo o louvor e toda a glória. E a minha acção de graças.

P. Carlos

*** Depois daquelas notícias espumantes, que há tempos se deram aqui, acerca da criação; depois delas, digo, não podemos deixar em suspenso os nossos leitores. E vamos continuar. Ontem à hora do meu café, que é de todas a mais preciosa, entra o *Formiga* pela cozinha dentro e despeja à minha beira um cesto de pintalinhos. Foi uma invasão. Era um pequeno exército. Vinham de quatro peruas e duas galinhas. Quase um cento. *Formiga* explica. A sua palavra cresce de volume e entusiasmo. No final era quase berrando, que ele me dava conta de outras ninhadas a chocar.

*** A gansa do *Formiga* pôs cá fora sete gansinhos. Mais alegria na alma do tratador. Não fossem os seus cuidados e a gansa não teria dado aquela boa conta. Enquanto nasciam os pequeninos, *Formiga* resolve transportar o caixote para a cozinha. Todos preferem a cozinha. Ela é o sítio. Assim como para eles, também eles a querem para os animais e aves de seus cuidados e predilecções. O caixote foi encostado ao quentinho do fogão. Isto aguça naturalmente a curiosidade do pessoal maior e menor da repartição. Manuel do Embrulho foi o primeiro e fez uma grande descoberta; a gansa ferra. A notícia correu. Da cozinha passou às outras oficinas e andava na boca de toda a gente: a gansa ferra. Muitos não acreditavam, mas a evidência não se fez tardar. Foi a senhora da cozinha que a prestou. O caso agora é mais sério. A gansa fez uma negra no braço da senhora. Eu mesmo fui intimado a ir ver e era verdade; lá estava a negra no braço esquerdo. De forma que, hoje, ninguém quer nada com a gansa.

*** *Formiga* hoje de manhã tomou-me por um braço e levou-me às capoeiras. Aquilo está um brinco. A maneira que seguimos o rapaz vai explicando. *Olhe. Ah é mais uma galinha botada.* No final da visita a todas as capoeiras e à maternidade e à casota aonde está outra gansa, *Formiga* vira-se para mim e pede um ajudante: *Ou hei-de fazer a limpeza ou hei-de dar de comer.* Eu escutei; disse por palavras ao seu alcance que não percebia bem a incompatibilidade ao que ele responde *mas eu também tenho a escola.* Temos de dar um ajudante ao *Formiga* e andamos à procura.

*** Parece que não devia ser difícil encontrar no meio de tantos um ajudante para um chefe, mas é. Aqui em casa tudo bufa e tudo espirra. Todos dizem o que querem até que a gente oíça, descubra e ponha a mão. Depois vem a nossa missão. Mas é preciso que antes disso o rapaz nos dê os elementos necessários os quais ele nunca fornecerá se viver constrangido. Ainda ontem, por causa do chefe e ajudantes houve uma grande bulha no refeitório dos batatas. Foi o caso que tendo Manuel Bucha recebido o encargo de ajudante do *Resende*, *Caracas* levanta a voz e interpõe-se. No final ficou tudo bem e espera-se que assim continue.

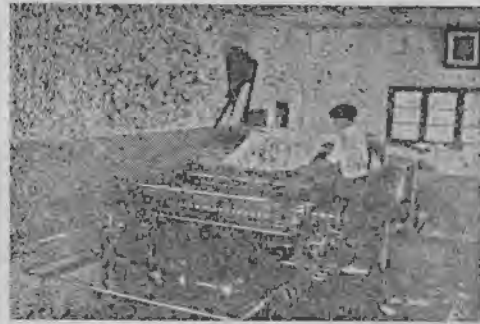
*** O *Pataco* saiu agora mesmo daqui, sufocado e hilariante. Foi a vaca pinta. A vaca pinta teve um toirinho e ele já anda e ele já mama e ele já tudo. O rapaz não cabia em si de contente.

*** Mal saído do meu escritório e ainda quente desta notícia, eis

ISTO É A CASA DO GAIATO

que vem *Manel do Embrulho* conduzindo um cesto três vezes maior do que ele, e este cheio de palha traçada, e no meio dela uma gata com filhos — *três gatinhos*. *Manel do Embrulho* pausa e quer que eu pegue em cada um, fazendo ele primeiro — *ô*. A seguir e por complemento da grande novidade, propõe colocar o cesto mais os gatos no meu quarto de dormir! Compreende-se. Se o deixassem, era ao pé da sua cama que ele tinha a preciosa família. Mas como isso lhe é naturalmente vedado, o rapaz, que é muito meu amigo, deseja e procura para mim um bem que não pode disfrutar.

*** Para que não fique somente em palavras esta página de hoje, também desejamos ilustrar; *revisitas*, como diriam os nossos vendedores. O mais evidente é o Juvelino. Não por ele; temos outros mais crescidos. É a máquina aonde trabalha que mais dá na



O Juvelino a produzir.

vista. O *artista* faz oitenta mil rotações em 36 horas, sem se cansar nem aborrecer; além do que não dispensa o arco, nem a caixota dos grilos, nem os soldados de papel, nem o naco da boroa, nem nada. O Juvelino é completo. Não foi sempre da tipografia; não foi. Após o seu exame, esteve empregado no Porto numa loja de secos e molhados, mas por pouco tempo. Quando o patrão deu por ela, os secos tinham sofrido. Ele bolachas, ele chocolates, ele tudo! Quem foi o Juvelino? É melhor não dizer. Basta saber-se quem ele é. O rapaz põe cem mil leitores em movimento todos os quinze dias.

Com as máquinas mais pequenas, trabalham outros. Um deles é o *Guilhufe*. *Guilhufe* é a estrela da venda. Tem grandes fregueses. É muito estimado. Não há quinzena que não regresse como a abelha; cheinho. Se lhe pergunto quem, — *foi uns senhores* e desanda. Nós somos a Obra de Portugal. Somos a definição do homem. Abrimos as suas entranhas e ele fica admirado; não se conhecia! *Foi uns senhores.*

Também aqui está o Neca da padaria. Chama-se assim, porque antes era ajudante do padeiro e hoje mesmo, em caso de necessidade, larga o que está fazendo e vai. Tem acontecido. Nós cá somos assim. Bem ou mal, é tudo feito em casa.

Vê-se ainda lá ao fundo o Celestino. Perguntado se queria um emprego, declarou imediatamente que não. *Quero ser de cá.* E escolheu a tipografia. Coisa rara; não tem mãe! Talvez por isso mesmo é que ele haja escolhido — *quero ser de cá.*

Aqui há tempos vejo luz fora de horas na casa III. Subo. Era ele. Estava ocupado com uma folha de papel de 35 linhas e esta cheia de dizeres. Era para a na-

morada. Ele leu-me a carta e fizemos um contracto segundo o qual tudo cessa agora para recomençar daqui por 3 anos; ele tem 17.

*** Ontem, chegado de fora, já noitinha, o *Manel do Embrulho* vem ter comigo, papel na mão. Era um recado. Chamaram da Arcada ao telefone. Um Ministro! *Manel do Embrulho* atende. A meio da conversa diz — *um momento que eu vou buscar papel e lápis!* E assim fez! O recado era tal qual Tudo isto foi espontâneo. Decisão. Um rapaz avontade, em sua casa, com plena liberdade de agir. Quem está para aí a dizer que nos falta a *Secretaria*, — quem? E como não há-de ter regado em Lisboa, a voz fresca do adolescente! *Deste* adolescente, que teria outra voz, se andasse por lá; ele, que por duas vezes fugiu e outras tantas regressou!

Eu tenho que é muito mais acertado deixar que *estes* falem hoje ao telefone para o Terreiro



Mais «tipógrafos»

do Paço, do que ouvi-los amanhã no mocho, aconselhados e vencidos pela Miséria. Acho que é melhor.

Temos hoje um Juiz no Tribunal de Porto. Os jornais têm dado notícias dos casos e das sentenças. Eu rejubilo.

Torno a ler. Torno a rejubilar. Só de joelhos. Sentenças daquelas, só de joelhos se escutam. É a voz de Deus. *Vox Domini.*

O Código está desactualizado. O código supõe um mundo equitativo, mas isso já não existe. De maneira que, se algum juiz quiser fazer justiça a *esta sorte de gente*, tem de ir buscar os factos e não fazer caso da lei.

Senhor Juiz do Tribunal do Porto, em nome dos milhares de Desconhecidos para quem o Mundo é Padrasto; em seu nome e pelo muito que sofrem, deixe-me beijar a Sua mão.

*** Chegou aqui há dias uma mulher nova, sóbria nas palavras, no vestir, nas maneiras. Trazia pela mão um pequenito, a quem o colo ficaria bem, tão pequenino era! A portadora explica. Podia não ter acreditado; ela não trazia documentos. Mas a história era humana, cheia de piedade, tecida com o verbo ser em todos os pormenores. *Somos muitas na casa.* E começa a relatar de como a mãe do Inocente falecera e ele ficou, mas não deve estar por mais tempo; — *já conhece e bota sentido.* Era precisamente este receio que trouxe aqui a tolerada. Eu ouvi. Era um domingo. Ranchos de visitantes passam; todos encaram com o menino, ignorando a sua história. — Faço perguntas e quis saber se, sendo ela tão delicada com a sorte da criança, porque não consigo mesmo. No Ultramar, ao que consta houve medidas decisivas; o Ministro

tem sido cumprimentado por pessoas e organizações sociais. Na Metrópole fala-se. Há de vez em quando uma rajada, porém, grandes dificuldades, porquanto, passada a tempestade, tudo regressa. Não é que os decretos venham tirar o pecado do mundo; não tiram. Então quê? Não o querem. Não o querem por ser um mal. Mal absoluto. Não tem outro fundamento os decretos de abolição.

Quanto ao pequenino cá o temos. Ainda não tem obrigação. Segue a turma dos da lenha, mais como quem brinca do que trabalha. Não se distingue dos mais. Nada que o assinala. O seu processo biológico é idêntico. Então quê? É na alma! É nela e por ela, semelhança de Deus, que o amo. É nela e por ela que o inocente de hoje há de vir amanhã a sofrer. Estigma interior. Carácter impresso. Sacramento às avessas!

Quanto dos nossos, hoje homens, não vêm chorar ao pé de mim o seu estado! Outros, por menos expansivos, guardam, só para maior dor.

Não será esta comunicação também uma rajada? Apelo a uma lei de malhas e treitas por onde não passe este Mal.

*** *Ramada* veio-me dizer que fazia anos; *faço hoje anos.* Esta participação, na gíria das nossas casas, significa pedir uma prenda. Uma caneta é o presente qualificado. Mais do que a bola, mais do que guloseimas, brinquedos, roupas. Seja o que for. Tudo é nada em face da caneta. *Uma canetinha.* De uma vez, alguém, de Lisboa, mandou nos seis canetas de oiro, pegadas num cartão. Nunca se viu aqui em casa tanto reluzir como então! Esperemos alguns dias. Se o senhor de Lisboa ainda mora no mesmo sítio, temos caneta de oiro. Se já se mudou, também a teremos. *Ramada* será atendido.

*** Tenho aqui sobre a mesa de trabalho o relatório do piquete de ontem, domingo, que foi o Daniel Borges. Todos os sábados, à noitinha, os chefes reunidos escolhem os piquetes do dia seguinte; um dentro, outro fora das portas. Daniel diz: «estiveram cá 36 camionetes dos Grupos *Caixa dos 20 Amigos do Porto*. Com boa vontade tudo se fez — de *S. Mamede de Infesta*. *Famílias Heroicas do Porto*. *Cruz de Cristo de Lordelo*. Carros ligeiros não sei ao certo».

Continuando no seu relatório, o Daniel diz: «Peyroteo e Miguel da tipografia, partiram um globo nas escolas. O Mário da Casa dos Pobres aceitou dinheiro. O Melo e o Tira-Olhas também, e foram comprar vira-ventos». Pelo que no dia seguinte houve aqui um tribunal muito sério sim, mas com atenuantes. São os cataventos. Cores tão bonitas! Giram com tanta graça! E as mulheres vêm do Porto naquelas 36 camionetes, colocam-se à porta da aldeia com eles a girar! São 40 centavos. O que mais faz doer aos «réus» é obrigá-los a entregar ao rapaz fiel um presente de chocolate, como desta vez aconteceu; e eles nada.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR
TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA